

# Textos bíblicos usados erroneamente para negar a consciência dos mortos<sup>1</sup>

por

**Paulo Sérgio de Araújo**

## INTRODUÇÃO

Há sólido testemunho bíblico em favor da doutrina da imortalidade da alma, ou seja, da idéia de que o homem possui, além de um corpo físico, uma alma (=espírito) imaterial e imortal em sua constituição, que abriga o intelecto, as emoções, a vontade e a espiritualidade.<sup>2</sup> Em consequência disso, concluímos que, após a dissolução do corpo, essa alma prossegue vivendo, conscientemente, noutra esfera de existência.

A noção da sobrevivência da alma ante a morte é clara e abundantemente expressa nas Escrituras, como em passagens que registram: as aparições dos falecidos Samuel (1Sm 28) e Moisés (Mt 17.1-9), a declaração de Jesus de que os homens “não podem matar a alma” (Mt 10.28), a história do rico e de Lázaro (Lc 16.19-31), o desejo do apóstolo Paulo de morrer e, assim, “estar com Cristo” (Fp 1.23), e a menção dos “espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12.23) e das “almas” dos mártires na presença de Deus (Ap 6.9-11). Ainda poderíamos

---

<sup>1</sup> Todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia *Almeida Corrigida e Revisada* (1994), traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

<sup>2</sup> Defendemos a posição *dicotomista* da constituição humana, que vê o homem como um ser formado de um corpo material e uma alma/espírito imaterial, imortal e pessoal. Nessa posição, “alma” e “espírito” são vistos como *sinônimos*, referindo-se à única parte do homem que sobrevive conscientemente à destruição do corpo físico.

mencionar muitas outras passagens bíblicas nas quais a imortalidade da alma é igualmente ensinada (Gn 35.18; 37.35; Lc 23.43, 46; At 2.27, 31; 7.59; 1Co 2.11; 5.5; 2Co 5.1-8; Hb 12.23, *etc.*). Esse amplo testemunho bíblico explica por que a sobrevivência consciente da alma perante a morte tem sido, desde os dias do Antigo Testamento até hoje, crença comum do povo de Deus.

No entanto, alguns poucos grupos religiosos, sobretudo os adventistas do sétimo dia (ASD) e as testemunhas de Jeová (TJ), rejeitam a idéia da imortalidade da alma, alegando que o homem não possui qualquer componente espiritual em sua composição, que continuaria vivendo após a morte. É bastante comum ouvirmos de ASD e TJ o seguinte jargão: “O homem não *tem* uma alma, mas ele *é* uma alma”.<sup>3</sup> Essa visão antropológica, evidentemente, acaba afetando a compreensão desses grupos acerca do destino humano, de modo que a morte passa a ser vista como um estado de total e literal inexistência, e não de consciência. Afinal, nada escaparia à destruição do corpo material.

O único que prometeu vida na desobediência foi o grande enganador. E a declaração da serpente no Éden—“é certo que não morrereis”—foi o primeiro sermão pregado sobre a imortalidade da alma. Todavia, essa afirmação, repousando apenas sobre a autoridade de Satanás, ecoa nos púlpitos e é recebida pela maior parte da humanidade tão facilmente como o foi pelos nossos primeiros pais. [...] Sobre o erro da imortalidade inerente, repousa a doutrina da consciência na morte. [...] Que dizem as Escrituras? O homem não se acha consciente na morte. “Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios.” “Os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma. [...] Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol.” “A sepultura não Te pode louvar, nem a morte glorificar-Te; não esperam em Tua fidelidade os que descem à cova. Os vivos, somente os vivos, esses Te louvam, como hoje eu o faço.”

---

<sup>3</sup> Essa visão antropológica é conhecida por “monismo”, “holismo” ou “imortalidade condicional”.

“Pois na morte não há recordação de Ti; no sepulcro, quem Te dará louvor?” Salmo 146:4; Eclesiastes 9:5 e 6; Isaías 38:18, 19; Salmo 6:5.<sup>4</sup>

Salomão explicou mais a respeito da morte, dizendo: “Os vivos estão cientes de que morrerão; os mortos, porém, não estão cientes de absolutamente nada.” Os mortos não sabem de absolutamente nada. Em vista disso, Salomão instou: “Tudo o que a tua mão achar para fazer, faze-o com o próprio poder que tens, pois não há trabalho, nem planejamento, nem conhecimento, nem sabedoria no Seol, o lugar para onde vais.” (Eclesiastes 9:5, 10) [...] Os nossos entes queridos falecidos não estão conscientes de nada.<sup>5</sup>

A idéia de que a morte é um período de inexistência, no qual a pessoa fica completamente inconsciente, é popularmente conhecida por “sono da alma”.<sup>6</sup>

Neste estudo, apresentaremos alguns dos versículos bíblicos mais usados por aqueles que propagam a antibíblica idéia de que os mortos ficam inconscientes. Durante nossa análise, demonstraremos como que essas passagens estão sendo interpretadas de maneira completamente equivocada. E por quê? Porque esses versículos apenas falam de *corpos* que são lançados nas sepulturas e que, obviamente, não têm consciência de nada. Logo, tais passagens não têm força alguma para negar o estado consciente daqueles que já partiram deste mundo. Se, por um lado, essas passagens só mencionam corpos sem vida, por outro há passagens (como as apresentadas acima, no 2º parágrafo) que mencionam um elemento imaterial e imortal que continua vivendo após a morte desses corpos. Corpos sem vida, evidentemente, não têm consciência de absolutamente nada; porém, o mesmo não pode ser dito a respeito das almas desses corpos.

---

<sup>4</sup> WHITE, Ellen Gould. *O Grande Conflito*. Casa Publicadora Brasileira, 7ª edição, 2004, pgs. 303-4, 8, 9.

<sup>5</sup> *Conhecimento que conduz à vida eterna*. Sociedade Torre de Vigia, 1995, pgs. 82-3.

<sup>6</sup> Preferimos não usar a expressão “sono da alma”, pois esta acaba transmitindo a equivocada idéia de que ASD e TJ acreditam que o homem tem uma alma imortal em sua constituição, que se desligaria do corpo por ocasião da morte mas, em vez de ficar consciente, ficaria dormindo nalgum lugar. Porém, a antropologia desses dois grupos rejeita, veementemente, a doutrina da imortalidade da alma. Para ASD e TJ, é inconcebível que haja qualquer espécie de vida humana consciente fora de um corpo físico.

## Textos que *aparentemente* negam a consciência dos mortos

Porque na morte não há lembrança de ti; no *sepulcro* [heb. *sheol*] quem te louvará? (Sl 6.5).

“Se o salmista afirma que os mortos não têm lembrança de Deus, nem podem mais louvá-Lo”, raciocinam ASD e TJ, “então o ser humano não possui uma alma em sua constituição, que ficaria consciente após a morte do corpo”.

Será que essa conclusão está certa? De forma alguma, pois o salmista está apenas se referindo a um *cadáver* que é lançado “no sepulcro”. Porventura um corpo sem vida, que se encontra sepultado, pode ofertar algum louvor ao SENHOR? Pode um cadáver lembrar-se de alguém? Absolutamente. É disso que o escritor sagrado está falando. Porém, em algum momento esse salmo nega que o homem tenha uma alma em sua constituição, que continua vivendo após a morte? Não.

E o que acontece com essa pessoa que morreu, cujo corpo foi lançado “no sepulcro”? Será que alguma *parte* dela continua consciente nalgum lugar? Ora, o salmista não tinha interesse algum em discorrer sobre esse assunto, o que revela o equívoco de ASD e TJ em usar o Salmo 6.5 para provar que os mortos deixam de existir.

Que proveito há no meu sangue, quando desço à cova? Porventura te louvará o pó? Anunciará ele a tua verdade? (Sl 30.9).

Da mesma forma que no texto anterior, aqui o salmista não tinha a menor intenção em falar sobre a existência ou não de um aspecto invisível e indestrutível no ser humano, que prosseguiria vivendo, conscientemente, após a morte. O escritor sagrado simplesmente se referia a um *corpo* sem vida que desce “à cova” e que, após algum tempo, transforma-se em “pó”.

Indubitavelmente, um cadáver, que está sendo consumido pelos vermes, não louva a Deus, tampouco anuncia a verdade divina a alguém. E com relação à existência de uma alma nesse defunto, que permaneceria consciente depois da morte? O salmista nada falou sobre essa questão. Logo, esse salmo não tem a menor força para promover o conceito de que os mortos estão inconscientes.

Mostrarás, tu, maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e te louvarão? (Selá.) Será anunciada a tua benignidade na sepultura, ou a tua fidelidade na perdição? (Sl 88.10, 11).

O que esses dois versículos nos ensinam sobre o estado da pessoa no espaço entre a morte e a ressurreição? Absolutamente nada. Aqui, o escritor estava apenas dizendo que Deus não mostra maravilha alguma para um *cadáver* que está se decompondo “na sepultura”, e que esse cadáver não pode levantar-se para louvá-Lo. Porém, em momento algum é dito que o homem possui ou não um aspecto imaterial e impercível em sua estrutura, que continuaria vivendo após a morte, pois, como já dissemos, o salmista não estava nem um pouco interessado em emitir alguma opinião sobre essa questão.

Os mortos não louvam ao SENHOR, nem os que descem ao silêncio (Sl 115.17).

Se o leitor visitar o túmulo de um irmão em Cristo que faleceu, certamente não pensará que o *corpo* dele, que jaz nesse local de “silêncio”, pode louvar a Deus. Mas, e com relação ao estado desse crente no período entre a morte e a ressurreição? Será que uma *parte* dele permanece consciente? Novamente, se quisermos obter alguma informação sobre esse tema, temos que recorrer a outros textos bíblicos, pois o Salmo 115.17 nada tem a nos dizer sobre o estado intermediário. Se esse salmo ensina alguma coisa sobre os mortos, então a única

lição é que os cadáveres que estão apodrecendo nos sepulcros não fazem absolutamente nada! Ninguém, em sã consciência, discorda disso.

Não confieis em príncipes, nem em filho de homem, em quem não há salvação. Sai-lhe o espírito, volta para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos (Sl 146.3, 4).

Ao declarar que os “pensamentos” dos mortos “perecem”, estaria esse salmo indo de encontro à idéia da sobrevivência consciente da alma? De maneira alguma. Que parte do ser humano “volta para a terra” após a morte? O corpo físico, naturalmente. Porventura esse corpo morto tem “pensamentos”? É evidente que não. Dessa forma, fica claro que o Salmo 146.3, 4 não contradiz aquilo que é ensinado clara e fartamente em diversas passagens das Escrituras: que os mortos ficam conscientes. Um cadáver não pensa; uma alma, porém, assim que se separa desse cadáver, conserva o intelecto.<sup>7</sup>

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento. Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol... Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na *sepultura* [heb. *sheol*], para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma (Ec 9.5, 6, 10).

---

<sup>7</sup> É digno de nota que o Salmo 146.4 constitui-se noutra prova em favor da imortalidade da alma, pois o salmista diz: “Sai-lhe o espírito [heb. *ruach*], volta para a terra...”. Ou seja, além de um corpo material, que “volta para a terra”, o homem tem um “espírito” imaterial e imortal em sua constituição, que se desliga desse corpo por ocasião da morte.

Estaria esse trecho bíblico ensinando que o homem, após a morte, cai num estado de inexistência, o que nos faria concluir que “os mortos não sabem coisa nenhuma”? Não, pois Salomão tinha em mente apenas um *cadáver* que vai para a “sepultura” (heb. *sheol*, v. 10). Inquestionavelmente, um corpo sem vida não sabe absolutamente nada, não tem “recompensa” alguma para receber aqui no mundo dos vivos, não possui “conhecimento” nem “sabedoria”, tampouco realizará algum “projeto”. Isso é a coisa mais óbvia do mundo!

Eu disse: No cessar de meus dias ir-me-ei às portas da *sepultura* [heb. *sheol*]; já estou privado do restante de meus anos... Porque não te louvará a *sepultura* [heb. *sheol*], nem a morte te glorificará; nem esperarão em tua verdade os que descem à cova (Is 38.18).

Aqui em Isaías 38.18, a exemplo do que ocorreu com todos os textos apresentados anteriormente, há clara menção a um cadáver que é posto numa “sepultura”. Será que o corpo morto de um justo, que desceu “à cova”, pode lembrar-se de Deus ou louvá-Lo? Sendo assim, não há sentido algum em utilizar esse versículo para dizer que o ser humano não possui uma alma imortal que prossegue vivendo, conscientemente, depois da morte.

## CONCLUSÃO

Como os leitores perceberam, incorrem em flagrante erro aqueles que utilizam os textos de Salmos 6.5; 30.9; 88.10, 11; 115.17; 146.3, 4; Eclesiastes 9.5, 6, 10 e Isaías 38.18 para dizer que os mortos não ficam conscientes. Todos esses versículos, sem uma única exceção, foram escritos apenas para falar de *cadáveres* que são lançados nas sepulturas e que, evidentemente, não podem relacionar-se com Deus nem realizar qualquer outra atividade. Entretanto, nenhum desses textos pode ser usado para negar que o homem tem uma alma imaterial e imortal, que permanece ativa após a morte do corpo.

Outro detalhe: ficou claro em nossa análise que o simples fato de esses textos acima falarem apenas de corpos sem vida não exclui, de forma alguma, a idéia de que uma alma imaterial e imortal tenha se desligado de tais corpos por ocasião da morte. O fato de os autores dessas passagens mencionarem apenas cadáveres não indica que eles não acreditavam na imortalidade da alma. A única coisa que podemos afirmar é que eles *não mencionaram* a palavra “alma” (ou espírito) nesses textos, só isso. Se, por um lado, esses versículos apresentados nada falam sobre a sobrevivência da alma perante a morte do corpo, por outro lado temos dezenas de outros versículos, noutras partes das Escrituras, que o fazem, e isso já é mais que suficiente para comprovar a imortalidade da alma.

Os versículos apresentados neste estudo, que supostamente apóiam a espúria tese da inconsciência dos mortos, contêm ensinamentos apenas sobre a condição dos *cadáveres*, e não sobre a condição das *almas* desses cadáveres. Se quisermos obter informações sobre este último tema, devemos buscá-las noutras porções da Bíblia. Infelizmente, em sua ânsia por negar a imortalidade da alma, ASD e TJ acabam desconsiderando essas questões e, por causa disso,



constroem e disseminam uma teoria completamente equivocada e antibíblica acerca do destino do homem após a morte.

*Paulo Sérgio de Araújo*